CURANDEIRISMO NA FRONTEIRA ENTRE MATO GROSSO E O PARAGUAI: 1882-1943

AMANDA RODRIGUES GANASSIN[1]
ANHANGUERA-UNIDERP, *BRASIL*
https://orcid.org/0000-0002-2141-5307

GILBERTO LUIS ALVES[2]
ICGLA, BRASIL
https://orcid.org/0000-0001-9672-1459

MAYRA DUARTE MARTELLO[3]
ANHANGUERA-UNIDERP, *BRASIL*
https://orcid.org/0000-0002-2542-8359

ROSEMARY MATIAS[4]
ANHANGUERA-UNIDERP, *BRASIL*
https://orcid.org/0000-0002-0154-1015

RESUMO: *Este trabalho tem como objeto a curandade, prática cultural relevante na fronteira entre o estado do Mato Grosso e o Paraguai até o início de 1940. O objetivo foi definido de modo a centrar-se na análise das práticas de Nhá Chaló, talvez a figura mais emblemática entre os curandeiros da fronteira. O levantamento de dados empíricos limitou-se aos contos de Hélio Serejo (1912-2007) disponíveis nos livros Carai Ervateiro e Nhá Chaló. O curandeirismo, enquadra-se na medicina empírica, que usavam recursos fitoterápicos por meio de chás, garrafadas, cataplasmas, unguentos, purgantes, vomitórios, além dos recursos como sangrias, dietas com comidas especiais. Esses foram recursos usados por Nhá Chaló e por meio deles a curandeira se notabilizara. Foi possível verificar que os procedimentos adotados por Nha Chaló não foram arbitrários nem inconsequentes. Baseavam-se em saberes práticos, sistematizados ao longo dos séculos e passados de geração em geração, principalmente entre os indígenas da etnia Guarani. Baseavam-se no senso comum, tomado no sentido gramsciano, e o próprio crivo do conhecimento científico, hoje disponível, mostra sua eficácia.*

PALAVRAS-CHAVE: Etnia Guarani, práticas culturais, medicina rústica, plantas medicinais.

ABSTRACT: *This paper deals with Natural Healing, that cultural practice was important on the border between Mato Grosso and Paraguay until the early 1940s. The aim of this paper was bound so as to focus on the analysis of Nha Chalo's practices. She was maybe the most emblematic character among the frontier healers. The gathering of empirical data was restrained to Hélio*

[1] Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Anhanguera Uniderp, Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: amanda.ganassin@gmail.com
[2] Doutor em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisador do Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves. E-mail: gilbertoalves9@uol.com.br
[3] Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Anhanguera Uniderp, Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: mayra_dmartello@hotmail.com
[4] Doutora em Química pela Universidade Estadual de Maringá. Professora Adjunto I da Universidade Anhanguera-Uniderp, Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: rosematiasc@gmail.com

Serejo's tales (1912 - 2007) which are available in the following books: 'Carai Ervateiro' and 'Nha Chalo'. Witchcraft fits into empirical medicine, which used herbal resources through teas, bottles, poultices, ointments, purgatives, emetics, in addition to resources such as bloodletting, diets with special foods. It was possible to verify that the procedures adopted by Nha Chalo weren't discretionary or inconsequential. They were rather based on practical knowledge, systematized along centuries and passed along from generation to generation, especially among natives of the ' Guarani ' ethnic group. That knowledge relied on good sense, taken in the gramscian sense and the very screening of scientific knowledge, currently available, shows its efficacy through scientific corroboration, displayed as based on scientific evidence.

KEYWORDS: *Guarani ethnic, cultural practices, rustic medicine, medicinal plants.*

Introdução

O objeto deste artigo foi o curandeirismo praticado no sul de Mato Grosso durante o período em que a produção da erva-mate foi hegemônica na economia da região. No caso, não há qualquer conteúdo pejorativo no emprego do termo, esclarecimento necessário pois ao longo do tempo ele ganhou conotações negativas em face do combate realizado por religiões e por corporações dos profissionais da área de saúde.

Sobre o curandeirismo ressalte-se que o emprego de plantas medicinais para o tratamento e cura de doenças é uma prática tão antiga quanto o homem. Tem por base o acúmulo de informações repassadas oralmente através de sucessivas gerações, difundidas por benzedores, curandeiros e xamãs. O consumo de plantas medicinais pelas etnias indígenas no Brasil já ocorria antes da chegada dos portugueses em 1.500 e este uso está associado, em parte, pela ancestralidade destes povos e pela biodiversidade brasileira. Os pajés transmitiam o conhecimento acerca das ervas locais e seus usos foram aprimorados gradativamente a cada geração. Gradualmente, os colonizadores assimilaram os recursos da medicina indígena, incorporando-os em sua própria farmacopeia[5]. Ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, produtos derivados dos diferentes Biomas do país foram amplamente empregados, inclusive, na Europa, alimentando uma lucrativa rede comercial (ROCHA et al., 2015).

As práticas de curandeirismo foram toleradas no Brasil enquanto permanecia reduzido o contingente de profissionais da área de saúde qualificados, em especial nos sertões. Até mesmo a regulamentação oficial expressava essa tolerância, pois, no fundo, havia reconhecimento de que o atendimento aos problemas de saúde dos mais pobres se restringia exclusivamente aos serviços dos curandeiros. Daí autorizações oficiais terem sido emitidas, para além dos profissionais formados, também as parteiras, os sangradores e os curandeiros, mas delimitando precisamente os âmbitos das correspondentes atuações profissionais.

Esse fato é importante para a compreensão da periodização adotada. São levados em conta dois marcos temporais. O primeiro refere-se à concessão dada a Tomás Laranjeira pelo Império para explorar os ervais fronteiriços em 1882. Em seguida, iniciou-se a ocupação da região, basicamente levada a cabo por força de trabalho trazida do Paraguai. Essa população transportou consigo suas práticas culturais, inclusive as ligadas à saúde. Instaurou-se o curandeirismo no sul de Mato Grosso, reproduzindo o que ocorria no Paraguai. Esse quadro se manteve até a década de 1940, o segundo marco temporal tomado, quando alguns acontecimentos históricos forçaram a superação do curandeirismo.

O primeiro deles, de importância local, refere-se à criação do Território Federal de Ponta Porã em 13 de setembro de 1943. O Relatório de José Alves de Albuquerque, último governador dessa unidade administrativa, foi expressivo ao tratar das mudanças ocorridas na área da saúde no estreito lapso entre 1944 e 1946. A herança do Estado de

[5] Os jesuítas foram pioneiros na produção de uma farmacopeia brasileira (ROCHA et al., 2015). Além da catequese, atividade primordial, por força do isolamento também se dedicaram ao tratamento e cura de doenças. Elaboraram tratados médicos, inclusive, e atuaram como boticários, médicos e enfermeiros.

Mato Grosso ao Território fora extremamente precária, pois legara "apenas um médico" que chefiava "um único posto de higiene instalado em Ponta Porã". Essa irrisória estrutura de saúde atendia em torno de "100.000" pessoas dispersas numa "área de 101.200 quilômetros quadrados". Auxiliavam o médico um prático de microscopia e dois guardas sanitários. Com a instalação do Território Federal de Ponta Porã, três anos depois, a região dispunha de doze médicos, um farmacêutico, um laboratorista, cinco auxiliares administrativos, trinta e quatro guardas sanitários, cinco atendentes e cinco serventes (ALBUQUERQUE, 1944/1945/1946). Distribuídos pelos centros de saúde e de higiene recém-implantados nos diversos distritos sanitários, esses médicos potencializavam sua ação sobre toda a área por meio de serviços ambulantes. A presença desses profissionais da saúde restringiu, de fato, o raio de ação dos curandeiros na região.

Convergindo com o aumento da presença de profissionais da saúde na fronteira, em 1940 o Código Penal Brasileiro passara a tratar o curandeirismo como exercício ilegal da medicina e crime contra a saúde pública. Na área da saúde, a legislação determinava que a realização de diagnósticos e a prescrição de tratamentos cabiam exclusivamente ao médico, sob a estreita vigilância do conselho de medicina. O curandeiro passou a ser tratado como impostor e charlatão (BRASIL, 1940; POEL, 2013).

Neste trabalho, o objetivo foi delimitado de forma a centrar-se na análise das práticas de Nhá Chaló, talvez a figura mais emblemática dentre os curandeiros fronteiriços sul-mato-grossense.

Metododologia

O levantamento de dados empíricos cingiu-se aos contos de Hélio Serejo (1912-2007), autor de dezenas de pequenos livros. Sua obra montou expressivo painel das práticas culturais do homem fronteiriço no período em foco. No caso específico do curandeirismo, foram explorados os livros Carai Ervateiro e, sobretudo, Nhá Chaló. O escritor conviveu com essa curandeira por quatro anos, aproximadamente entre meados da década de 1920 e início da década seguinte. Após ter emigrado do Paraguai, ela se empregou como cozinheira na ranchada ervateira de Porto Baunilha, de Francisco Serejo, pai do escritor. Segundo o autor, ouvia com interesse "causos" e "narrativas" de Nhá Chaló. Anotava tudo em seu "cuaderno argentino"[6]. Essa prática transformada em hábito se revelou providencial, pois, conforme reconhecimento do próprio autor, tornou-se fonte para a produção de diversos livros ao longo de sua vida (SEREJO, 1988, p. 14).

[6] "Caderno de fabricação argentina muito usado nos ervais." (SEREJO, 1988, p. 62).

Resultados e Discussão

Até a Guerra da Tríplice Aliança, o sul de Mato Grosso sempre teve população rarefeita em vasta área compreendida entre os rios Paraná e Paraguai. Os bandeirantes avassalaram as etnias indígenas estabelecidas na região. No início do século XVII, os guarani foram as principais vítimas. Os sobreviventes empreenderam êxodo em direção ao Sul depois da destruição das quatro missões jesuíticas do Itatim – *San José*, *De Los Angeles*, *Nuestra Señora de la Encarnación* e *Apósteles Pedro e Pablo* –, bem como da cidade hispano-americana de Santiago de Xerez (TRENTO, 2007, p. 43)

Após a Independência do Brasil, a crise da mineração nas Gerais ensejou imigração para o sul de Mato Grosso. Esses mineiros implantaram inúmeros estabelecimentos de criação de gado desde Paranaíba, passando pela região da Vacaria até alcançar a margem direita do Rio Apa. Mas a pecuária extensiva, atividade econômica que fazia uso de pequeno contingente de trabalhadores, manteve a população rarefeita na região (BARBOSA, 2011; ESSELIN, 2011).

Em seguida à Guerra da Tríplice Aliança, já no início da década de 1880, o catarinense Tomás Larangeira solicitou ao Imperador que lhe outorgasse concessão para explorar os ervais nativos na região fronteiriça. O solicitante já acumulara experiência com a exploração da erva-mate no Paraguai. Comprometeu-se com a importação de recursos para a implantação da empresa de exploração. Comprometeu-se, ainda, com o provimento de força de trabalho para as atividades desenvolvidas em seu estabelecimento. Dando consequência à sua proposta, investiu na transferência de colossal contingente de força de trabalho de origem paraguaia para os ervais do sul de Mato Grosso (CENTENO, 2008).

Esse fato gerou uma mudança de qualidade na região. A população se adensou. *Ranchadas*[7] se disseminaram pelos ervais nativos. Os mestiços de origem guarani passaram a constituir o grosso da população. Houve quem chegasse a entender essa importação desenfreada de força de trabalho oriunda do Paraguai como um risco ao processo de nacionalização na fronteira sul de Mato Grosso (MELO E SILVA, 1939).

A predominância do elemento guarani representou, também, a incorporação de suas práticas culturais na região. Elas se expressaram, para ilustrar, nos âmbitos da música, com a polca, a guarânia e o chamamé; das festas, a exemplo das comemorativas de Nossa Senhora de Caacupê; e da culinária, com a difusão da chipa, da sopa paraguaia e do tereré.

Em contrapartida, a população espalhada por vasta extensão do sul de Mato Grosso encontrava-se desamparada de recursos para enfrentar a agressividade das relações de trabalho e do ambiente. Grande parte estava atada à empresa exploradora por meio da escravidão por dívidas (CENTENO, 2008), que impedia a evasão e retorno às suas origens. Na imensidão dos ervais não havia acesso a serviços de saúde quando

[7] "Ranchada – Grupo de pequenos ranchos de capim. Lugar onde se trabalha o mate até o ensacamento."

ocorriam acidentes com ofídios, fraturas ou outras doenças. Raros médicos pontificavam em Campanário, sede da empresa exploradora do mate, ou em Ponta Porã.

Quando atingidos por algum mal, a alternativa dos viventes era apelar, quase sempre, a curandeiros que perambulavam pelas ranchadas ervateiras. Alguns ganharam notoriedade. A literatura regional celebrou-os. Hélio Serejo, como já foi acentuado, escreveu uma densa obra sobre esse período hegemonizado pela exploração da erva-mate na fronteira. Seus contos, em especial, são ricas fontes para colocar o estudioso ou o leitor curioso em contato com as práticas culturais dos habitantes locais.

Em Carai Ervateiro (SEREJO, 1990, p. 70-71), por exemplo, fala do curandeiro Ermínio Guadalupe, o *Lupe*, que sempre trazia em seu alforge ervas, raízes, ramos e frutos. Nos tratamentos, resumia-se a ministrar seus produtos aos doentes. Herdara a habilidade de seus antepassados paraguaios e servia aos necessitados sem cobrar pelos seus serviços. Granjeou o respeito de muitos.

Mas, entre todos os curandeiros, ganhou destaque Nhá Chaló. Mereceu um livro especial de Serejo (1988) sobre a filha de ervateiros no Paraguai, aprendeu a fazer de tudo nas ranchadas de seu país. Jamais casou-se. Era esquia e quieta. Perdeu os genitores muito jovem, o pai picado por uma jararaca e a mãe por complicações pós-parto. Tornou-se a segunda mãe de seu irmão ainda bebê. Foi de desvelo sua relação com o jovem. Dedicou-se, também, aos cuidados para com o próximo. Em seu "surrão de couro" guardava "folhas, raízes, frutos, cascas, brotos, baraços, pó, batatas, palmas, óleo, graxa, vinho, cipó, bagaço, sementes e resinas", remédios necessários à cura dos enfermos que a procuravam.

Ao chegar a Mato Grosso, Nhá Chaló (figura 1) empregou-se como cozinheira na ranchada de Porto Baunilha, administrada por Francisco Serejo, pai do escritor. Fazia-se acompanhar do irmão mais jovem e já era celebrada como "profunda conhecedora da miraculosa medicina crioula" (SEREJO, 1988, p. 7). Seu irmão, com o passar do tempo, tornou-se importante auxiliar e desenvolveu habilidades como massagista. Quando enfermidades atingiam viventes dos arredores, ambos se dispunham a atendê-los prontamente sem nada cobrar por seus serviços.

Faz-se necessário esclarecer, no caso dos ervais de Mato Grosso, que as práticas de curandeirismo resultaram, inclusive, da simbiose entre o catolicismo praticado por colonizadores espanhóis e os rituais e crenças indígenas de origem guarani. A própria experiência encetada pelas reduções jesuíticas favoreceu essa simbiose. Os curandeiros eram todos mestiços, como a maioria dos habitantes nos ervais. Era incomum a presença de negros na região, o que permite deduzir ter sido nula a influência africana nas práticas fronteiriças de curandeirismo.

Alceu Maynard Araújo (1967, p. 112-114) compreendeu tais práticas dentro do que denominou "medicina rústica"[8]. E considerou mais apropriado o termo rústico, pois "relativo ou próprio do campo", ao contrário de outras expressões como "medicina popular". Além de definir a medicina rústica como "o conjunto de técnicas, de fórmulas, de

[8] Segundo Maynard Araújo, a expressão medicina popular "dá a impressão de que é a medicina científica que decaiu, que se tornou plebéia" (ARAÚJO, 1967, p. 112).

remédios, de gestos que o morador da região estudada lança mão para o restabelecimento de sua saúde ou prevenção de doenças."

Figura 1 – Imagem curandeira Nhá Chaló

Fonte: Serejo, 1988.

Araújo (1967, p.1967) classificou entre as manifestações da medicina como: rústica, mágica, religiosa e empírica. Alertou para o fato de que os limites entre elas nem sempre são estanques. No caso da medicina mágica predominam a "benzedura", as "simpatias" e as práticas da "profilaxia mágica" (patuá, amuleto, santinho e talismã, por exemplo) e do "catolicismo brasileiro" (promessa, romaria e novena, para efeito de ilustração). Quanto à medicina religiosa, restringe-se às práticas de religiões de origem africana, como o candomblé, e se realiza por meio de "adivinhação simbólica", de "procura da divindade ofendida para homenageá-la" e da "terapêutica ritual". O curandeirismo na fronteira sul de Mato Grosso, objeto deste trabalho, enquadra-se na medicina empírica. Teve como agentes ou "oficiais", o "doutor em raízes", os "entendidos" ou "os mais velhos", que usavam recursos fitoterápicos por meio de chás, garrafadas, cataplasmas, unguentos, purgantes, vomitórios e suadouros. Também utilizavam recursos como sangrias, gorduras, dietas com leite e comidas especiais. Esses foram recursos usados por Nhá Chaló e por meio deles a curandeira se notabilizou. A seguir, são listados todos os casos de atendimentos realizados por Nhá Chaló segundo o livro de Hélio Serejo.

O Que Serejo Conta De Nhá Chaló

Diversos "causos" de atendimentos realizados por Nhá Chaló foram desfiados no livro homônimo de Hélio Serejo. O primeiro deles teve como vítima o próprio autor. Ainda jovem, em certa oportunidade, um galho despencou do alto de uma árvore e o atingiu gravemente na cabeça. Imediatamente, a curandeira recomendou ao capataz da ranchada, Felipe Benitez, que o acidentado fosse posicionado de "cabeça para baixo". Seria necessário "que o sangue não ficasse parado no lugar golpeado", segundo sua justificativa. Durante a longa recuperação o ferimento foi tratado com "graxa de sucuri", aplicada "levemente morna" pelas "mãos santas" de Nhá Chaló (SEREJO, 1988, p. 10). Mais tarde, sabedor do ocorrido, um médico em Guaíra reconheceu que o jovem se salvara devido aos cuidados e procedimentos adotados por Nhá Chaló.

A seguir, são listados todos os casos de atendimentos realizados por Nhá Chaló, segundo o livro de Hélio Serejo. Nos subtítulos foram preservadas as denominações conferidas pelo autor.

Nhá Livrada

Nhá Livrada era uma mulher de origem paraguaia, muito ativa na direção de uma ranchada edificada com muito sacrifício em região erma. Enamorou-se de um patrício mais jovem quando já entrara pelos cinquenta anos. Casou-se e, inesperadamente, descobriu-se grávida. Foi uma "gravidez de tormento", acompanhada por "dores terríveis". Todos na ranchada preocuparam-se pela idade da mulher. Aproximando-se o momento do parto, providencialmente Nhá Chaló estava passando pelo local. Dispôs-se a ajudar. Aprendera o ofício com a mãe que morrera de "febre violenta", decorrente de complicações pós-parto. A curandeira sabia diagnosticar a postura do bebê no útero da mãe e reposicioná-lo quando necessário, dominava as massagens adequadas para colocar a parturiente em posição favorável ao nascimento da criança e orientava a mãe sobre os exercícios necessários no momento do "apronto". A preocupação de todos aumentou quando, passadas horas, a mãe praticamente desfalecida já não reagia. Nhá Chaló comunicou ao companheiro de Nhá Livrada que a alternativa seria retirar a criança com suas próprias mãos. A operação, por certo, poderia causar danos tanto à mãe quanto à criança. Autorizada, depois de esterilizar as mãos untou-as com "banha de sucuri". A criança nasceu saudável. Depois da higiene, a mãe começou um lento processo de recuperação. Seguiram-se "massagens pelo corpo inteiro, principalmente no coração, o álcool bendito no nariz, a flexão dos braços e o chazinho de erva do parto". Curativos eram realizados "no mínimo três vezes ao dia". O irmão de Nhá Chaló buscou "*jujos*"[9] no campo, "planta com a qual se fazia curativos milagrosos, tirando a dor e auxiliando a cicatrização". Nhá Livrada, depois de "quarenta dias conseguiu sentar na beirada da cama", mas não

[9] As plantas medicinais eram chamadas *jujos* localmente. Muitas famílias fronteiriças as plantavam em cercados, em jardins ou as colhiam nos campos nativos ou à beira dos cursos d'água.

conseguia levantar-se em decorrência das “dores insuportáveis por dentro”. A ameaça era a de se instaurar um processo de paralisia. Seis meses após, a situação se mantinha. Nhá Chaló conversou com a família, que decidiu levá-la para ter atendimento médico em Guaíra. Nhá Chaló acompanhou-a. O diagnóstico foi pronto: “quebradura dupla na região da bacia e um processo infeccioso uterino”. Os médicos, sabedores do ocorrido, desde o momento pré-parto, “ficaram estarrecidos pelo acerto partorial”. Após cirurgia, sempre acompanhada por Nhá Chaló, Nhá Livrada retornou para sua ranchada e recuperou-se inteiramente (SEREJO, 1988, p. 19-24).

O Purgante

Pedro Livrado era um paraguaio nascido em Vila Encarnación. Bom trabalhador, padecia do mal da antipatia. Nunca conseguiu “criar ambiente de amizade entre a peonada”. Devido ao seu comportamento “rabugento”, passou a ser tratado pelo “apelido desmoralizador” de “Purgante”. Um dia, começou a padecer de um mal que o fez perder o apetite e se debilitar. Já não conseguia comer. Prostrado, emagrecia enquanto o “abdome ia secando cada vez mais”. O dono da ranchada onde trabalhava decidiu enviá-lo para Campanário, a sede da Companhia Mate Laranjeira, onde foi tratado por um médico “conceituado”, o Dr. Joaquim Pereira Teixeira. Não conseguindo diagnosticar o mal que atormentava Livrado, o médico deu-lhe alta. Voltou desenganado para a ranchada. Um casal, ela uma “bugra manquitola” e ele um “paraguaio caçador”, se apiedaram do doente, já entrevado e totalmente dependente. Passaram a cuidar dele. Ambos muito religiosos, lembraram-se de Nhá Livrada e deram “uma prova de amor cristão”. O homem, a pé, saiu em busca da curandeira. Andou em torno de “50 quilômetros” buscando a “paraguaia velha de mãos santas, que conhecia como ninguém as plantas que curavam”. Nhá Chaló se dispôs a ver o doente. Montada em um cavalo emprestado rumou para o local onde ele se encontrava. Seu irmão e o paraguaio seguiram-na a pé pelo mesmo caminho. Ao chegar, imediatamente a curandeira foi ver o paciente (SEREJO, 1988, p. 27-30)

“Apertou-lhe a barriga dezenas de vezes. Movimentou os seus braços e pernas, auscultou o coração demoradamente, examinou os olhos do enfermo, observou a respiração” e concluiu que o paciente precisava, com urgência, de algo que soou cômico para o narrador: o Purgante precisava de um “purgante”. Avisou aos presentes que Livrado, sob o efeito do remédio, “Poderia até morrer, mas era o único recurso” (SEREJO, 1988, p. 31).

O paciente resistiu e no dia seguinte passou a expelir “uma podriqueira terrível” cujo odor incomodava a todos. Em seguida, Nhá Chaló passou a fazer massagem “na barriga do doente”. Era necessário “pôr para fora tudo o que era podre”. Inicialmente, a alimentação se reduziu a “limonada ou laranjada”. A massagem passou a se estender “pelo corpo inteiro com sumo de erva-santa e graxa de sucuri”. Em uma semana o doente já se alimentava com “mingau de trigo”. Depois,

sucessivamente, começou a comer “sopa de macarrão picado” e “caldo de feijão novo”. Dois meses após, Livrado começou a andar (SEREJO, 1988, p. 31-2).

O menino dos olhos brancos

Um garoto de doze anos, filho de casal paraguaio que vivia nos ervais do sul de Mato Grosso, foi acometido de uma doença que o debilitava progressivamente. Sua aparência era desoladora. Fora tomado por uma “brancura" que se intensificava. Era uma “cor esquisita, embaçada”, que causava “espanto”. Levado a Campanário e atendido pelo médico Joaquim Pereira Teixeira, começou a ser tratado no hospital local, mas as “dezenas e dezenas de injeções não produziram efeito algum”. Esgotados os recursos médicos, o menino teve alta e voltou desenganado para a ranchada onde o pai trabalhava. Este, desesperado, acertou as contas com o patrão e, com a esposa e o filho, encetarem retorno ao Paraguai para tentar alguma alternativa de tratamento ao doente na terra natal. Em meio à viagem, quando estavam na “vilota de *Sacarón*”, o “boticário do lugarejo” lembrou-os de Nhá Chaló, a “curandeira de mãos santas”, que estava próxima do local. Com a anuência dos pais, alguém se dispôs a procurar a curandeira. Dois dias depois “ela apeou no vilarejo”. Após o exame do menino, prescreveu inicialmente um “purgante”. O diagnóstico final veio em seguida: “*flaqueza en el sangre*”[10]. Ao longo de três meses de tratamento, “Não faltaram *chás* de toda ordem nem *preparado* para lavar os olhos três vezes por dia”. Como complemento, o menino contou com o “reforço” do “especial trigo argentino”, então disseminado em toda a região ervateira. Curado, aos dezenove anos o jovem esteve em Campanário. Ostentava “compleição robusta”. Ao vê-lo, o médico que o atendera sete anos antes exclamou: “Foi um milagre... um verdadeiro milagre” (SEREJO, 1988, p. 43-46).

A mocinha que ia morrendo de febre

Josefa, a Zefa, era uma mocinha que vivia numa “ranchada pobre”. Muito “pudica”, usava sempre “vestidos longos” e “blusas bem fechadas” para cobrir inteiramente o corpo. Era recatada nessa atitude de proteção até mesmo diante das mulheres. Um dia começou a padecer de “febre misteriosa”. Não havia sinais aparentes que pudessem ser associados ao seu mal. Sem sucesso, remédios caseiros e “benzeduras” não haviam sido economizados (SEREJO, 1988, p. 47).

Diante da situação, o último recurso foi apelar por Nhá Chaló. Após três dias, ela chegou à *ranchada* e, imediatamente, foi ver Zefa. Mesmo febril e esgotada, ela poderia revelar constrangimento diante de Nhá Chaló. Sabedora do comportamento da jovem, a curandeira ministrou-lhe um chá de “raiz dormideira”. O produto, como tantos outros, estava

[10] Fraqueza no sangue.

disponível em seu "surrão". Tendo ingerido o chá, a mocinha dormiu profundamente. Então começou o "exame de corpo inteiro". Nhá Chaló apalpava diferentes regiões do corpo e, em certo momento, mesmo em "estado comatoso" a mocinha "repuxou, levemente, a perna". A curandeira precisou retirar a calcinha da jovem pois, por baixo, encontrava-se uma "intumescência" causada por "três bernes formados". Extraídos por pressão dos dedos em ambas as laterais, a "desinfecção" empregou, inclusive, "creolina fraca". A febre baixou em seguida. "Dez dias depois, a Zefa era outra". Suas forças estavam restauradas (SEREJO, 1988, p. 48-49).

O dedo podre do plantador de arroz

O "roceiro" Ayres Medeiros viu o tétano rondar depois de ter um dedão pisado "pelo casco de um burro". Renitente e "bruto", o roceiro não procurou atendimento médico em Guaíra. O dedo arruinou e começou a exalar mau cheiro. Sob a pressão de amigos procurou Nhá Chaló. Imediatamente a curandeira iniciou o tratamento no dedão de Medeiros. "Graxa de sucuri, sebo de vaca, emplasto de farinha de mandioca e caldo de folhas medicinais triturados formaram a medicação recomendada para o melindroso caso" (SEREJO, 1988, p. 51).

Usando como instrumento uma "navalha cuidadosamente desinfetada", seguidamente a curandeira retirava as partes podres do dedão do roceiro. Em seguida, aplicava "aquela *massa* meio endurecida de sebo de vaca, graxa de sucuri e várias ervas" que trazia em seu "surrão". O tecido local foi sendo restaurado e, como assegurara Nhá Chaló, o dedão ficou "bom e sem defeito" (SEREJO, 1988, p. 52).

O corpo que vertia água

Crispim Ayala, um "*barbacuazeiro* qualificado"[11], acordou certa manhã doente. Ficou assustado, pois, viu o "forro da cama todo molhado". De seu "corpo vertia água, uma espécie de suor grosso". Sempre ostentara vigor físico, mas, em pouco tempo, encontrou-se prostrado. Fez uso de "ervas, folhas e raízes" caseiras sem sucesso algum. Após quarenta dias, muito debilitado, já não conseguia trabalhar. Na ranchada, de início, todos achavam que deveria procurar atendimento médico em Guaíra, Campanário, Ponta Porã ou Pedro Juan Caballero[12]. Mas, por fim, no "quinto mês de sofrimento" do doente, decidiram chamar Nhá Chaló, a curandeira de "mãos santificadas", que demonstrou a disposição de sempre para ajudar. Ao chegar, conversou demoradamente com o Ayala. Em seguida, examinou o seu corpo. Seu "parecer" sobre o mal que o afligia foi lacônico: "Tiene enfermedad de higado"[13]. Do seu "surrão

[11] "Barbaquazeiro – Aquêle que trabalha no barbaquá." / "Barbaquá – Aparato de forma côncava destinado à moagem da erva." (SEREJO, 1946, p. 108)
[12] Pedro Juan Caballero, cidade do Paraguai separada de Ponta Porã por uma avenida.
[13] Tem enfermidade de fígado.

começou a selecionar as plantas" para o tratamento, que se resumiu a "*chá* e *lavagem corporal diária*". O "barbacuazeiro" sarou passados três meses. Parou de verter água, recuperou o apetite e passou a ostentar, novamente, o antigo vigor físico (SEREJO, 1988, p. 53-55).

A perna de tacuaruçú

Um trabalhador paraguaio, "*aguatero*"[14] e lenhador, sofreu um acidente no campo quando um galho seco se desprendeu do alto de uma árvore. Um dos pedaços atingiu a sua perna e quebrou-a. Para sorte do ferido, Nhá Chaló encontrava-se nas proximidades. Seriam necessárias "15 horas apenas de bom trote" para encontrá-la. Enquanto alguém tentava estabelecer contato, foi realizado o primeiro socorro, que se resumiu a "massagem leve com emplasto de erva-santa" para aliviar a dor. Quando a curandeira chegou, "a perna era, (...), um inchume só". Sua preocupação inicial foi a de realizar o "desenxume". Solicitou, também, que fosse providenciado um "*tacuaruçu maduro*", do mesmo tamanho da perna do ferido. Alguém limpou os "gomos" internos para que a superfície ficasse "lisa". Com o "*ajuste*" perfeito em relação ao tamanho, a curandeira começou a ajeitar a perna fraturada nas "duas *calhas*" que tinha em suas mãos. "Uma pressão no pé" permitiu "que as pontas dos ossos se juntassem, com o que a *colagem* ficaria facilitada." Para que os tecidos não apodrecessem, "a aplicação de graxa de sucuri era constante". "Ervas esmagadas" complementavam o tratamento. Um "amarrio de *tento sovado*"[15] permitia a retirada das calhas de taquara para os curativos e observações. Dois meses depois, o lenhador já andava com desenvoltura, embora com o apoio de uma muleta. Pouco depois dispensou esse apoio e voltou às suas atividades (SEREJO, 1988, p. 57-58).

Ciência e curandeirismo

Hoje a legislação criminaliza o curandeirismo. As corporações dos profissionais da área da saúde denunciam e tratam os curandeiros como charlatães. Esses fatos reforçam, no âmbito do senso comum, expectativas negativas sobre práticas culturais que foram muito difundidas e importantes no passado.

Este trabalho não pleiteia essas expectativas. Faz-se necessário lembrar que o curandeirismo era a única alternativa com a qual poderiam contar os habitantes que viviam desassistidos por profissionais e estruturas da área de saúde em regiões ermas do interior do Brasil. Foi o que ocorreu, também, na extensa fronteira entre o Brasil e o Paraguai.

Se o senso comum condena os curandeiros no presente, no passado foi no âmbito do senso comum que os curandeiros constituíram uma grande bagagem de conhecimento. Foi uma construção que demandou

[14] "Aguatêro – Carregador de água. Desempenha quase sempre essa tarefa uma pessoa portadora de defeito físico; cristão de idade avançada." (SEREJO, 1988, p. 61).
[15] "Tento Sovado – Tento de couro trabalhado até ficar bem macio." (SEREJO, 1988, p. 65)

séculos e reuniu contribuições de diversas gerações. Por ensaio e erro eles tomaram consciência de relações de causa e efeito no desencadeamento de doenças e descobriram a eficácia de medicamentos que faziam aproveitamento de produtos naturais, tanto da flora quanto da fauna. Suas prescrições não eram arbitrárias, portanto. Os princípios ativos desses produtos naturais atacavam as doenças e recuperavam os enfermos. Daí o prestígio que os curandeiros granjearam.

Essa discussão denota a importância do senso comum, que não é, como muitos imaginam, algo avesso à ciência. Gramsci (1999), ao falar sobre o senso comum, deixou clara a sua limitação, o fato de envolver uma massa de conhecimentos não suficientemente integrada, daí, inclusive, as suas incoerências internas. Contudo, o que é central no senso comum é o *bom senso*, que permite ao homem dele partir para chegar a uma visão integrada do conhecimento, que se expressaria como consciência filosófica.

Logo, vale fazer uma aproximação entre as práticas dos curandeiros e o que é sancionado pela ciência no presente. Vale objetivar o grau de bom senso que se revelava em suas práticas. Nos limites deste artigo, o que se intenta é analisar, na medida do possível, os procedimentos adotados por Nhá Chaló à luz do conhecimento científico contemporâneo. Colocando em foco o tratamento de *Nhá Livrada*, por exemplo, estudos científicos demonstram a correção dos procedimentos adotados por Nhá Chaló. Foi o caso das massagens durante o trabalho de parto, pois elas auxiliam tanto no aumento da dilatação cervical quanto na redução da dor, em decorrência do relaxamento muscular. Tal constatação reforça, inclusive, o interesse dos profissionais em promover o uso de estratégias não invasivas na clínica obstétrica. A massagem, no sistema circulatório sanguíneo e linfático é usada, sobretudo, para melhorar a perfusão dos vasos superficiais e profundos. No sistema musculoesquelético atua minimizando a tensão e o espasmo, induzindo ao relaxamento. Ela contribui para liberar as aderências e fibroses formadas pelo tecido cicatricial após uma lesão muscular e promover a drenagem de substâncias tóxicas ao organismo.

Nhá Chaló usou em diversos casos as gorduras animais, reproduzindo prática comum na zooterapia tradicional da América do Sul. A gordura da serpente sucuri foi uma delas. Extraída de uma espécie abundante na região de Mato Grosso do Sul, a *Helicops leopardinus* (Colubridae: Hydropsini), seu uso medicinal tem sido corrente no continente. A literatura produzida sugere que a eficácia de gordura animal, em especial pela presença de ácidos graxos, está relacionada aos processos bioquímicos de cicatrização e como emolientes (ÁVILA; FERREIRA; ARRUDA, 2006). No caso de Nhá Livrada, a gordura da sucuri foi usada para facilitar a retirada da criança, ação emoliente, e, após o parto traumático, para exercer ação cicatrizante.

No caso de Pedro Livrado, não há indicação das substâncias contidas no purgante que lhe foi ministrado. Rocha et al. (2015), ao relacionarem diversos produtos medicinais utilizados com função purgativa pelos índios guaranis na fronteira, dá pistas sobre possíveis alternativas utilizadas por Nhá Chaló. São eles a seiva da *Allamanda*

cattarctica L. conhecida como Alamanda-amarela, a resina da *Aloe arborescens* Mill, as folhas de Capim-Cidreira *Cyperus sesquiflorus* (Torr.) Mattf. & Kük., as folhas da *Euphorbia* sp, da *Erythroxylum* sp, da *Ilex dumosa* (Caúna) var. dumosa R., os frutos da *Lagenaria* sp, a raiz da *Pisonia aculeata L.,* tendo seu nome popular espora-de-galo*,* a raiz da Guaimbê é dado o nome popular da espécie *Philodendron bipinnatifidum* Schott, as folhas do Cedro ou *Trichilia elegans* A. Juss. e os frutos da *Xanthium cavanillesii* Schouw (Carrapicho).

A massagem abdominal, método terapêutico com longa história na medicina, foi adequadamente usada por Nhá Chaló no tratamento da constipação intestinal. É um procedimento que aumenta os movimentos peristálticos do corpo humano. A massagem no trato digestivo intensifica o peristaltismo abdominal, ocasionando um efeito mecânico e reflexivo das vísceras. A passagem dos alimentos e dos nutrientes pelo sistema digestivo é acelerada, o que leva à redução da dor e da constipação. A massagem abdominal é um método que saiu da esfera do conhecimento popular e hoje, devido a estudos baseados em evidências, faz parte esfera científica, sendo utilizada como prescrição não medicamentosa (DEHGHAN et al., 2018).

Na alimentação de Pedro Livrado, o uso da limonada e da laranjada, ricas em vitamina C e ácido cítrico, auxiliou na estabilização rápida do pH dos líquidos corporais, gerando energia no organismo do paciente. Outro aspecto importante é que devido a essa alteração do pH dos líquidos corporais, é necessário um aumento da filtração glomerular, para realizara o equilíbrio do pH – isto auxiliará na eliminação das toxinas produzidas pelo processo inflamatório e infeccioso.

Práticas alimentares que fazem uso de arroz, feijão, macarrão e mingaus, muito exploradas por Nhá Chaló, são importantes enquanto fontes energéticas, adequadas tanto à superação de doenças quanto à manutenção da saúde. O trigo ou os produtos à base de trigo, em especial, foram muito usados por ela e fazem parte da nutrição da população global. De acordo com o Food and Agriculture Organization (FAO) das Nações Unidas, cereais, principalmente o trigo e o arroz, fornecem quase 50% da energia alimentar para a população humana. A fibra presente na parte externa dos grãos, denominada “farelo”, cerca de 56%, tem uso e os efeitos sobre a constipação, a doença diverticular, o câncer de cólon, o diabetes mellitus e a arteriosclerose, o melhoramento do trânsito gastrointestinal, o aumento da microbiota intestinal benéfica, a redução do nível de colesterol e a estabilização do nível de açúcar no sangue. O conteúdo de proteína dos grãos de trigo varia entre 9% e 14%. Os grãos contêm entre 1,5% e 2,5% de lipídios. O conteúdo de minerais, potássio, fósforo, magnésio, cálcio, ferro, manganês, zinco, cobre oligoelementos e selênio, nos grãos inteiros é de cerca de 2g/100g, importantes para auxiliar no fucnionamento do organismo. O trigo é também fonte de vitaminas, especialmente dos grupos B e E (WIESER; KOEHLER; SCHERF, 2020).

A doença do *Menino de Olhos Brancos* parece estar associada à síndrome da Larva Migrans ocular (LMO) ou Toxocaríase ocular e a Larva Migrans Viceral (LMV). Em humanos é ocasionada pela ingestão de larvas

da espécie *Toxocara* sp, que são helmintos ascarídeos animais que amadurecem no solo e infectam cães e gatos. Seres humanos podem acidentalmente ingerir ovos no solo contaminado com fezes de animais infectados ou podem ingerir hospedeiros transferidos infectados malcozidos (p. ex., coelhos). A LMO normalmente é unilateral e não tem manifestações sistêmicas, suas lesões consistem principalmente em reações inflamatórias granulomatosas resultando em uveíte e/ou coriorretinite. Já a LMV consiste em febre, anorexia, hepatoesplenomegalia, exantema, pneumonite e sintomas asmáticos, dependendo dos órgãos afetados. No caso relatado, há semelhança de sintomas e probabilidade do paciente ter sido infestado com larvas do *Toxocara* sp. (ZIBAEI et al., 2022).

Para muitas doenças, os curandeiros prescreviam erva-santa. Ela era indicada, sobretudo, para "feridas, catarros, além de doenças da cabeça, estômago e asmáticos". Nhá Chaló utilizou muitas vezes um macerado de erva-santa com graxa de sucuri. Esta agiria como cicatrizante e emoliente. Ao mesmo tempo, os ácidos graxos de sua composição contribuiriam para aumentar a absorção da erva-santa pelo tecido tegumentar à circulação sanguínea. Os ácidos graxos promovem a permeação percutânea de substâncias químicas.

Existem relatos de algumas plantas comumente chamadas de erva-santa, tais como, *Baccharis vulvenaria*, *Baccharis illinita* e *Chenopodium ambrosioides*. Através de estudos realizados sobre as características de distribuições geográficas, etnobotânicas e etnofarmacologicas, gerou-se a hipótese que a curandeira utilizava *Baccharis illinita*. Essa espécie é também conhecida como "erva milagrosa" como relatos do livro, está distribuída principalmente no cerrado nas regiões do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (REFLORA, 2023). É amplamente utilizada na medicina popular por suas propriedades anti-inflamatórias, cicatrizantes da pele e mucosas, antiinfecciosas, bem como por sua ação protetora contra úlceras estomacais. A formulação o mais utilizado é o chá obtido das folhas e caules. O pó obtido de folhas maceradas e secas é amplamente utilizado para a cicatrização de feridas cutâneas (ABAD e BERMEJO, 2007).

A erva-mate *Ilex paraguariensis* A. St.-Hil. foi outra planta medicinal muito utilizada pelos Mbyá-Guarani na região, como bebida considerada estimulante pela presenta dos alcaloides. A planta é conhecida popularmente como "yerba mate, erva mate, mate, chá paraguaio, chá San Bartolomé, chá jesuíta, ka'há em guarani". O seu consumo auxilia na purificação do corpo e, principalmente, no aumento da resistência orgânica. A erva-mate contém carboidratos, proteínas, sais minerais, vitaminas, e contém flavonoides com propriedades antioxidantes (DELLACASSA et al., 2007). Presente no ambiente regional, seu emprego era comum entre os curandeiros. Com certeza, era um componente disponível no surrão de couro de Nhá Chaló.

No caso da *Mocinha que ia morrendo de febre*, a Zefa, foi usada a *dormideira* como agente sedativo para a realização do diagnóstico de Nhá Chaló. Algumas plantas pertencentes à família Fabaceae, gênero *Mimosa* sp, são popularmente conhecidas como dormideiras. Usadas há muito tempo por indígenas, ainda são amplamente empregadas. Essas plantas

podem ser encontradas em desde florestas, áreas abertas de savanas, campos e caatingas. Sua maior diversidade ocorre na América do Sul, que abrange o Brasil, o Paraguai, o Uruguai e a Argentina. Esse gênero tem diversas aplicações e algumas espécies, como a utilizada por Nhá Chaló, apresentam efeito sedativo (DE DAVID; PASA, 2015; SILVA et al., 2020).

Zefa havia contraído uma miíase, afecção causada pela presença de larvas de moscas em órgãos e/ou tecidos do homem ou de outros animais vertebrados, popularmente conhecida como "bicheira" e "berne". As principais moscas causadoras da miíase humana são *Cochliomyia hominivorax* (Coquerel**,** 1858) (Diptera: Calliphoridae), comumente conhecida como mosca varejeira, e *Dermatobia hominis* (Diptera: Oestridae. Linnaeus, 1718) espécie referida no senso comum como mosca berneira. Ela deposita de 20 a 400 ovos nas bordas de arranhões e feridas. Nutre-se de tecidos vivos ou mortos do hospedeiro, de suas substâncias corporais líquidas ou do alimento por ele ingerido, desenvolvendo-se como parasita. Foram descritas ocorrências no couro cabeludo, na conjuntiva, na língua, na pele do pênis e na região vulvar (CANSI et al., 2012).

No tratamento de Zefa, Nhá Chaló também usou creolina diluída em água, provavelmente por ser um agente asfixiante para as larvas. É importante relatar a sua toxicidade, caracterizada por dor, vermelhidão e queimaduras na pele. A toxidade sistêmica pode gerar transtornos mentais, arritmias cardíacas, aumento das transaminases. Daí o porquê de, no uso tópico em soluções de 2% a 4% em água. No caso das bicheiras, o tratamento pode ser iniciado com duas gotas, que podem ser aumentadas proporcionalmente à área afetada – este uso já é de conhecimento popular.

Quanto ao barbaquazeiro Crispim Ayala, possivelmente foi infectado pelo parasita do gênero *Plasmodium* sp, que é transmitido para humanos pela picada de fêmeas infectadas dos mosquito *Anopheles* (mosquito-prego), que ocasiona a malária, também chamada de maleita, impaludismo, paludismo e febre terçã ou quartã. O mosquito-prego vive em regiões de clima tropical e subtropical, é abundante nos horários crepusculares, ao entardecer e ao amanhecer. Os principais sintomas são calafrios com tremores, seguidos de febre, podendo ocorrer dores de cabeça e no corpo, enjoo e cansaço. Existe um tipo de *Plasmodim* que causa sintomas mais severos, tais como delírio, confusão, convulsões, coma, problemas graves de respiração, insuficiência renal, diarreia, podendo levar a óbito. Locais insalubres aumentam a infestação de mosquitos (CAMARGO, 2003; CENTENO, 2009).

Sobre o lenhador que teve a perna fraturada no campo, o procedimento inicial foi o de fazer leve massagem no local e aplicar emplasto de erva-santa visando aliviar a dor. Há reconhecimento de que a massagem reduz significativamente a percepção subjetiva de dor e o edema muscular, além de acelerar a recuperação. Sobre a erva-santa, foi relatado anteriormente, sobre o uso tópico na cicatrização de feridas cutâneas. O uso do taquaruçu, maduro foi providencial para imobilizar a perna fraturada, enquanto a aplicação da graxa de sucuri intentou desenvolver ação emoliente e cicatrizante.

Considerações Finais

Em síntese, os estudos referentes ao curandeirismo na fronteira entre Mato Grosso e o Paraguai evidenciam que suas práticas se disseminaram na região entre 1882, quando se iniciou sua ocupação, e 1940. Determinante desse fato foi a inexistência de serviços e profissionais da área de saúde nesse território. A população, basicamente formada por trabalhadores mestiços da etnia guarani, encontrava-se desassistida. Somente com a criação do Território Federal de Ponta Porã, em 1943, é que médicos, enfermeiros, dentistas e técnicos da área passaram a ser contratados, mudando o quadro da oferta de serviços de saúde no espaço ervateiro. Ao mesmo tempo, em 1940, legislação em âmbito nacional enquadrou o curandeirismo como prática ilegal iniciando-se a sua repressão. Desde então, as corporações de profissionais da área de saúde e as políticas públicas de saúde passaram a qualificar o curandeirismo como charlatanismo. A propaganda que cercou esse tipo de abordagem fez com que se perdesse o conteúdo positivo e necessário dessa prática cultural em época anterior.

Ao eleger as práticas de Nhá Chaló como eixo da discussão realizada, foi possível verificar que os procedimentos que adotava não eram arbitrários nem inconsequentes. Baseavam-se em uma extensa gama de conhecimentos práticos, sistematizados ao longo de séculos e repassados de geração para geração, especialmente entre indígenas da etnia guarani. Calcavam-se no bom senso, tomado no sentido gramsciano, e o próprio crivo do conhecimento científico, hoje disponível, evidencia sua eficácia.

Referências bibliográficas

ABAD, Maria José; BERMEJO, Paulina. *Baccharis* (Compositae): a review update. **Arkivoc**, Estados Unidos da América, v. 7, n. 7, p. 76-96, 2007. Disponível em: http://pdf.lookchemmall.com/pdf/21/8c64af3b-6d4c-4c82-846f-b318fc334a9e.pdf

ALBUQUERQUE, José Alves. de. **Relatório Apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República, pelo Governador Dr**. **...** Ponta Porã: Território Federal de Ponta Porã, 1944/1945/1946. 198p.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional:** Ritos, Sabença, Linguagem, Artes e Técnicas. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. v. 3. p. 112-116.

ÁVILA, Robson W.; FERREIRA, Vanda L.; ARRUDA, Janaína A. O. Natural history of the South American water snake *Helicops leopardinus* (Colubridae: Hydropsini) in the Pantanal, central Brazil. **Journal of Herpetology**, Universidade Schreiner, Estados Unidos da América, v. 40, n. 2, p. 274-279, 2006. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1670/113-05N.1

BARBOSA. Emílio Garcia. **Os Barbosas em Mato Grosso; Panoramas do sul de Mato Grosso; Esboço Histórico e Divagações sobre Campo Grande**. 2ed. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011. 255 p.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto-Lei Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 1940.

CAMARGO, Erney Plessmann. Malária, maleita, paludismo. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 26-29, 2003. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v55n1/14850.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2022.

CANSI, Edison Rogerio; ATAÍDE, Hélio Spindola de; DEMO, Caroline; GURGEL-CONÇALVES, Rodrigo; PUJOL-LUZ, José. Roberto. As miíases no imaginário de uma população rural no município de Formosa (Goiás), Brasil. **Biotemas**, Florianópolis, Santa Catarina, v. 25, n. 4, p. 249-258, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-7925.2012v25n4p249

CENTENO, Carla Villamaina. A Fronteira como Domínio da Violência: reportagens sobre o sul de Mato Grosso (1932). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, n. 39, p. 139 – 157, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/5839/4190>. Acesso em: 21 dez. 2022.

CENTENO, Carla Villamaina. **Educação e Trabalho na Fronteira de Mato Grosso:** Estudo Histórico sobre o Trabalho Ervateiro (1870-1930). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008. 207p.

DE DAVID, Margô; PASA, Maria Corette. As plantas medicinais e a etnobotânica em Várzea Grande, MT, Brasil. **Interações**. Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 97-108, 2015. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1518-70122015108

DEHGHAN, Mahagha; POOR, Amanollah Fatehi; MEHDIPOOR, Roghayey; AHMADINEJAD, Mehdi. Does abdominal massage improve gastrointestinal functions of intensive care patients with an endotracheal tube?: a randomized clinical trial. **Complementary therapies in clinical practice**, v. 30, p. 122-128, 2018. Disponível em: 10.1016/j.ctcp.2017.12.018

DELLACASSA, Eduardo; CESIO, V.; VAZQUEZ, Alvaro, ECHEVERRY, S.; SOULE, S. MENÉNDEZ, P.; FERREIRA, Fernando; HEINZEN, H. Yerba mate. Historia, uso y propiedades. **Revista de la Asociación de Química y Farmacia del Uruguay**, Montevidéu, Uruguai, v. 51, p. 16-20, 2007.

ESSELIN, Paulo Marcos. **A Pecuária Bovina no Processo de Ocupação e Desenvolvimento Econômico do Pantanal Sul-mato-grossense:** 1830-1910. Dourados, MS: Editora UFGD, 2011. 358p.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere:** Introdução ao Estudo da Filosofia; A Filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1. 494 p.

MELO E SILVA, José. **Fronteiras Guaranis:** com um Estudo sôbre o Idioma Guaraní ou Avañe-e. São Paulo: Imprensa Metodista, 1939. 335p.

POEL, Francisco Van Der. (Frei Chico). **Dicionário de Religiosidade Popular:** Cultura e Religião no Brasil. Curitiba, PR: Nossa Cultura, 2013. p.1150.

REFLORA. **Flora e funga do Brasil.** Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/PrincipalUC/PrincipalUC.do #CondicaoTaxonCP>. Acesso em 26 jun. 2023.

ROCHA, Francisco Angelo Gurgel da; ARAÚJO, Magnólia Fernandes Florêncio de; COSTA, Nilma Dias Leão; SILVA, Roberto Pereira. O Uso terapêutico da flora na história mundial. **Holos**, Natal, Rio Grande do Norte, v. 1, n. 31, p. 49-61, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/holos.2015.2492>. Acesso em 22 dez. 2022.

SEREJO, Hélio. **Carai Ervateiro**. Tupi Paulista, SP: Gráfica e Editora Versiprosa, 1990.

SEREJO, Hélio. **Nhá Chaló:** a mais Famosa Curandeira e Parteira dos Ervais de Mato Grosso do Sul. Tupi Paulista, SP: Editora Versiprosa, 1988.

SILVA, Stéphanie Aguiar de Negreiros Matos; BARROS, Ayslan Batista; SOUZA, Jessica Maria Teles; MOURA, Andréa Felinto; ARAÚJO, Aline Rodrigues; MENDES, Maria Gabriela Araújo; DABOIT, Tatiane Caroline; SILVA, Durcilene Alves da; ARAÚJO, Ana Jérsia; MARINHO FILHO, José Delano Barreto.. Phytochemical and biological prospection of *Mimosa* genus plants extracts from Brazilian northeast. **Phytochemistry Letters**, Netherlands, n. 1, v. 39, p. 173–181, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.phytol.2020.08.010

TRENTO, Paula Alves. **El Paraiso en el Paraguay:** Reducciones Jesuiticas. Assunção: Editorial Parroquia San Rafael, 2007. 284p.

WIESER, Herbert; KOEHLER, Peter; SCHERF, Katharina A. Wheat - An Exceptional Crop: Botanical Features, Chemistry, Utilization, Nutritional and Health Aspects. In: **Nutritional value of wheat**. Amsterdã: Woodhead Publishing, 2020. p.133–148.

ZIBAEI, Mohammad; MAHDAVI, Sadat Mahdavi; FIROOZEH, Firoozeh; HASANI, Hamidreza; BAHADORY, Saeed. Ocular Toxocariasis Associated with Blurred Vision and Visual Impairment: Report of Four Cases. **Iranian Journal of Parasitology**, Tehran, Iran, v. 17, n. 1, p. 118, 2022. Disponível em: <http://ijpa.tums.ac.ir>. Acesso em 26 jun. 2023.

Recebido em: 01/08/2023 * Aprovado em: 27/12/2023 * Publicado em: 31/12/2023